

O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES DE PAIS E AVÓS COM UMA CRIANÇA – COM CEGUEIRA CONGÊNITA

RELATIONSHIPS DEVELOPMENT OF A CHILD WITH VISUAL DEFICIENCY
AND HIS PARENTS AND GRAND-PARENTS

EL DESARROLLO DE LAS RELACIONES DE PADRES Y DE ABUELOS
CON UN NIÑO CON EL CONGÉNITO DE LA CEGUERA

*Karla Valente Sanches**

*Zélia M. M. Biasoli Alves***

* Mestrado em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP).

** Livre docente em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO. Esta pesquisa teve como objetivos descrever o desenvolvimento das relações sociais de uma criança com deficiência visual e seu contexto familiar, incluindo os pais, avós maternos, paternos e uma tia; analisar as idéias dos pais sobre a educação da criança e as dificuldades que eles assinalam; verificar a influência de eventos extra e intra familiares no comportamento da criança. A coleta de dados foi estruturada em 16 etapas, sendo uma por mês, utilizando-se o Relato Oral e Diário de Campo. Os resultados mostram que certos acontecimentos do contexto familiar influenciaram o desenvolvimento, de determinadas habilidades da criança, no período investigado. A discussão procura enfatizar a importância de se investigar o contexto porque ele tem uma grande influência no desenvolvimento da criança, ligado à análise do desempenho e característica dela, especialmente quando se tem uma que apresente alguma deficiência.

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento; criança; família; deficiência visual; interações sociais.

ABSTRACT. This paper has as objectives to describe the development of the social relations of a child with visual deficiency and its familiar context, including their parents, maternal and paternal grand parents and one uncle; to analyze the parents ideas about childrearing practices and the difficulties they perceive; to verify the influence of extra and intra familiar events on the child behavior. Data collection was done through Oral Report and field diary, in 16 phases during 16 months. The results show that some events of the familiar context had an influence on the development of certain child abilities, during the investigated period. The discussion try to emphasize the importance of the context investigation, attached to the analysis of the child exit and characteristics, because it has a big influence on child development, in special when on has someone that has a deficiency.

KEYWORDS: development; child; family; visual deficiency; social interections.

RESUMEN. Esta investigación tuvo como objetivo describir el desarrollo de las relaciones sociales de un niño con deficiencia visual y su contexto familiar, incluyendo los padres, abuelos maternos, paternos y una tía; para analizar las ideas de los padres a respecto de la educación del niño y de las dificultades que señalan, verificar la influencia de acontecimientos extra e intra familiares en el comportamiento del niño. La recogida de datos fue estructurada en 16 etapas, siendo una por mes, usándose el Relato Oral y Diario del Campo. Los resultados demuestran que ciertos acontecimientos del contexto familiar habían influenciado el desarrollo de determinadas prestezas del niño, en el período investigado. La discusión busca enfatizar la importancia de investigar el contexto porque el tiene una gran influencia en el desarrollo del niño, encendido al análisis del funcionamiento y de la característica de ella, especialmente cuando se tiene una que presenta una cierta deficiencia.

PALABRAS-CLAVE: desarrollo; niño; familia; deficiencia visual; interacciones sociales.

Recebido em: 31/05/2006

Aceito em: 05/07/2006

Zélia M. M. Biasoli-Alves

Av. Bandeirantes, 3900 - Monte Alegre

14040-901 - Ribeirão Preto - SP

E-mail: zmmbiasoli@terra.com.br

INTRODUÇÃO

A linha de pesquisa sobre o desenvolvimento da socialização, interações e relações sociais consolida-se a partir das pesquisas de Bowlby¹ que, buscou estudar a relação mãe-bebê, trazendo um avanço significativo tanto para a descrição quanto para a compreensão do desenvolvimento social e emocional; e este pesquisador coloca em questão o fato de a relação de afeto se concretizar na família, e especificamente com o cuidador mais próximo, com quem o bebê tem não só o maior número de interações, mas também as de melhor qualidade.

Contudo, mesmo com um número elevado de pesquisas nessa área a partir da década de 50, verifica-se que antes dos anos 60/70, o bebê é visto como um ser passivo, dependente na sua relação com o cuidador mais próximo (normalmente a mãe); a ênfase recai na maneira de a mãe lidar com o bebê, levando pouco em conta as interações e relações com os outros membros da família, bem como o fato de que as características que ele traz consigo, desde o nascimento, podem influir e muito na forma como é tratado. Chega-se depois a um modelo diverso que vai mostrar que as interações são bi-direcionalmente determinadas, ou seja tanto o cuidador (no caso mais freqüentemente a mãe) é o responsável pela maneira de a interação acontecer quanto o comportamento do bebê é um estímulo específico que tende a direcionar atitudes e ações do adulto que dele cuida². E também, outros aspectos do contexto familiar podem ter influência.

Assim, começa-se a ter, a partir da década de 70, algumas mudanças; observando-se que muitos estudos vão deixando de estar apenas centralizados na interação mãe-criança para incluir, por exemplo a figura do pai, depois dos irmãos e também dos avós³. De outro lado, vai-se observar uma forte influência do paradigma sistêmico⁴, frente à necessidade da Psicologia do Desenvolvimento de ampliar sua maneira de considerar o ambiente da criança. Fica evidente, então, nas pesquisas, depois da década de 80, a importância de se

considerar outras pessoas que fazem parte do mundo da criança⁵.

Os princípios da abordagem sistêmica trazem mudanças no modo de pensar o desenvolvimento humano ao defender que o foco de estudo está no funcionamento do sujeito dentro do sistema, que, por sua vez, é também modulado por fatores externos⁶. E, os conceitos de interação e relação social que estão sendo adotados nesse trabalho, do ponto de vista comportamental, a interação é entendida como um episódio em que A emite um comportamento para B e este responde a ela, enquanto que a relação diz respeito à seqüência das interações ao longo do tempo⁷.

Entre as abordagens que se enquadram neste paradigma sistêmico está a Teoria dos Sistemas Ecológicos de Bronfenbrenner^{4;6;8}.

De acordo com essas considerações levanta-se a seguinte questão: como se dão as interações e as relações sociais de uma criança que apresenta uma deficiência visual, com as pessoas que convivem diariamente com ela, visto que esta não possui a informação visual. Além disso, como se processa a evolução dessas interações e do desenvolvimento de uma criança que apresenta uma deficiência visual desde o seu nascimento, o que a leva a vivenciar uma gama de experiências diferenciadas das vividas por uma que não apresente este tipo de problema.

Em vista dessas considerações o presente estudo foi estruturado tendo por base os objetivos de: 1) descrever e analisar o desenvolvimento das interações e relações sociais*** de uma criança com deficiência visual, ao longo de dezesseis meses, a partir do relato das pessoas que com ela convivem no ambiente familiar e da observação das interações familiares, e do contexto físico, social, emocional no qual a criança vive; 2) identificar as idéias**** dos

*** Conforme assinalado antes, o conceito de interação social adotado é o que diz que, do ponto de vista comportamental, a *interação* é entendida como um episódio onde A emite um comportamento para B que a ele responde; e a *relação* refere-se a seqüência de interações ao longo do tempo entre os parceiros⁷.

**** O termo crenças inclui atributos, *idéias*, julgamentos, concepções ou cognições.

pais acerca do diagnóstico do filho, seu desenvolvimento, sentimentos, expectativas para seu futuro; 3) verificar as dificuldades que eles assinalam para educá-lo; 4) descrever mudanças intra e extra ambiente familiar, no período investigado e avaliar sua possível influência tanto no cotidiano dos membros, quanto no comportamento da criança.

METODOLOGIA

Os participantes foram membros de uma família composta por pai, mãe e filho, este com cegueira, segundo a definição da Política Nacional de Educação Especial e Secretaria de Educação Especial, acarretada por Retinopatia da Prematuridade⁹, mais a avó materna, avô e avô paternos e tia materna****. A indicação dos participantes foi efetuada por uma clínica; a seguir a família foi procurada, explicado no que consistiria a pesquisa, que teriam liberdade para aceitar ou não a participação, bem como para interrompê-la sem que isto lhes pudesse trazer qualquer prejuízo; depois de dados todos os esclarecimentos, foi pedido que assinassem o Termo de Consentimento.

No início da coleta de dados a criança tinha 20 meses; o pai – Ric – 18 anos, tendo o colegial completo e mantendo-se como estudante, estando desempregado e lidando com comércio; a mãe – Aman – 17 anos, segundo grau incompleto, trabalhando como secretária e continuando os estudos; a avó materna – Dil – 42 anos, segundo grau completo e trabalhando como servente de uma escola; a tia materna – Tat – segundo grau incompleto e mantendo-se como estudante; a avó paterna, 44 anos – Shir – primeiro grau completo, dona de uma cafeteria; o avô paterno, 56 anos – Ped – primeiro grau completo, comerciante.

PROCEDIMENTO

O presente estudo parte do princípio de que o contexto natural em que a criança vive, no caso a

família, deve fazer parte da investigação quando se pretende avaliar aspectos do desenvolvimento^{4,6,8}. Para cumprir os objetivos da pesquisa foram utilizadas duas estratégias de coleta de dados, adequadas para se poder estudar a criança no seu contexto, ao mesmo tempo tendo acesso às idéias dos adultos sobre diferentes aspectos do processo de educação: Diário de Campo e Relato Oral.

Optou-se por trabalhar com entrevista no formato semi-estruturado e a estratégia adotada para o registro das observações do contexto ambiental compôs o Diário de Campo.

Para dar início à coleta de dados, avaliou-se juntamente com os pais e avós quais os horários mais convenientes para serem feitas as 16 etapas de visitas à casa da família, sendo uma por mês, e solicitando-se o mesmo para marcar as três fases em que seriam feitas as entrevistas, no início da coleta de dados, seis meses depois, e no final da coleta de informações. Na primeira fase entrevistou-se a mãe e o pai, em separado e também a avó materna; na segunda, novamente foram entrevistados os pais da criança, em separado, e a tia materna; na última etapa, além dos pais, também se entrevistou a avó e o avô paternos. O roteiro das entrevistas configurou-se por nove temas: a) informações referentes à identificação; b) eventos relacionados à gestação; c) nascimento do filho; d) problemas no período pós-parto; e) cuidados médicos requeridos; f) dificuldades encontradas no cuidado da criança; g) divisão de trabalho entre os genitores e familiares; h) rede de apoio; i) contato com parentes e amigos. Aos seis e doze meses da coleta de dados, as entrevistas foram realizadas com o objetivo de verificar continuidades e mudanças ocorridas na família com relação aos mesmos temas da primeira entrevista.

Os locais a serem visitados e os horários foram escolhidos pelos participantes, como sendo aqueles em que estavam habituados a realizar as atividades com a criança, sendo as visitas feitas em dois dias consecutivos, mensalmente, até o final da coleta de dados.

**** Todos os nomes apresentados são fictícios.

RESULTADOS

A utilização de diferentes estratégias de investigação permitiu obter dados passíveis de análise quantitativa e qualitativa, levando à triangulação metodológica.

Focalizando, primeiro parte dos relatos orais, após a transcrição literal das entrevistas, optou-se por uma análise quantitativa para caracterizar os participantes e o restante foi analisado de forma qualitativa¹⁰, utilizando-se, para esclarecer ou ilustrar aspectos relevantes, o procedimento de colocar a própria fala dos participantes.

CARACTERIZANDO A FAMÍLIA E O CONTEXTO EM QUE VIVE

A família, vista como pertencente às camadas médias, era composta pelos pais (Ric e Aman), o filho (Gus), além de no início morarem juntos os avós maternos (Dil e Jos) e a irmã (Tat). A família também contava com uma rede social de apoio que incluía os avós (Shir e Ped) e tios paternos.

Na primeira fase de coleta de dados a avó materna trabalhava fora de casa e o avô, funcionário público, exercia suas atividades em outra cidade. A mãe da criança não tinha atividade profissional e contava com o apoio total de seus pais, estando separada do pai de seu filho em decorrência de desentendimentos que foram se acentuando após o diagnóstico da deficiência visual da criança, quando tinha cinco meses. A sua rotina implicava em permanecer em casa cuidando do filho durante o dia e ir estudar a noite. No momento em que se iniciam a coleta, a família buscava, principalmente por intermédio da avó materna, formas para estimular o desenvolvimento do neto, comprando brinquedos apropriados, procurando fonoaudióloga e informações sobre pessoas que pudessem orientá-los. Alguns meses depois, o pai da mãe da criança perdeu o emprego e decorridos mais quatro meses a avó materna faleceu, havendo, logo depois a reconciliação do casal; passados mais dois meses o pai da criança perdeu o emprego e apareceram problemas de saúde

em sua família (depressão séria de seu pai) e nesse momento ele deixa a faculdade que cursava.

Dados do diário de campo apontam que nessa fase a criança, agora já com 27 meses, começa a andar, mas a professora da escola por ele freqüentada fala em regressão de seus comportamentos e assinala outros problemas que levam os pais a procurarem novamente mais médicos e terapeutas. O médico constatou a catarata da criança e a possibilidade de uma cirurgia. Os pais recomeçam a trabalhar, deixando o filho, no período da tarde, com a tia materna, fazendo também visitas aos avós paternos.

A seguir a professora chama a mãe por suspeitar de catarata no outro olho da criança, o que é logo depois confirmado, mantendo a família os mesmos tratamentos.

Através da aplicação do procedimento de análise proposto por Biasoli Alves¹⁰ foram identificados núcleos principais, que permitiram uma sistematização dos dados de cada entrevista, em temas, que abrangem desde a caracterização de como era a família antes do bebê nascer, como foi a gravidez, as mudanças ocorridas após o nascimento e no presente.

Antes do Nascimento

A criança foi a responsável pela constituição do núcleo familiar, pois sua concepção levou à união do casal. O pai tinha dezesseis anos na época, morava com os pais e namorava a mãe (quinze anos) há três meses quando ela engravidou e ele fala diretamente das mudanças ocorridas. Eles decidiram casar, e foram morar na casa dos pais dela, que, de início os ajudava muito, dano inclusive apoio financeiro.

A preocupação com a saúde do bebê aconteceu desde a gravidez e tornou-se ainda maior após seu nascimento prematuro, no sexto mês de gestação. A mãe relatou ter feito todos os meses o pré-natal, e quando perguntada sobre como tinha sido ela afirma que: *Foi bem tumultuada... bem... embarçada... até meus três meses foi muito complicada...né...até eu aceitar a gravidez...essas coisardas todas...né?*

Rotina da casa após o nascimento do filho

Na fala dos pais aparece a dificuldade e a frustração de voltar para casa do hospital sem o bebê, que permaneceu interando durante 59 dias. O pai diz:

Ele já nasceu prematuro... então... é... é... já foi um susto (...) a mãe sabe como foi CHATO ter/que ir/ lá todo dia e não ter/ ele em casa a ansiedade de têr/ ele logo em casa pra gente curtir/... (1ª entrevista).

REDE DE APOIO DA FAMÍLIA

Logo após o nascimento do Gustavo o casal pôde contar com o apoio das duas família. Nesse período a avó materna foi uma figura muito presente, mantendo um vínculo afetivo bem forte com o bebê buscando estar presente a maior parte do tempo possível: *Trabalho o dia todo... mais venho viano pra casa porque fico loca pra vê ele...*

A descoberta da deficiência e reações da família perante o diagnóstico

Os pais relatam que a fase depois da chegada do bebê em casa foi muito prazerosa e que somente após um período de alguns meses é que eles desconfiaram da deficiência e foram procurar verificar o que se passava com o bebê:

Ele saiu com dois meses ((do hospital))...tava com quase 5 meses quando nós descobrimos...né? a gente tava meio em dúvida...porque ele não respondia nada...né? aí meu pai achou que... que podia ser algum retardamento alguma coisinha assim?... aí a gente levou ele na médica...

Uma vez identificada a patologia do filho, a mãe relata que as explicações do médico foram detalhadas, mostrando que o tempo decorrido impedia ser feito um tratamento que pudesse levar à recuperação da visão do bebê:

Ele primeiro explicou, explicou, que bebê prematuro pode ter três problemas... não sei o que... não sei o que e retinopatia da prematuridade... ele falou assim: o que ele tem eu já disse, ele tem Retinopatia da

Prematuridade... só que eu não sei o grau da retinopatia?... porque... você tem 5 graus na retinopatia? e o Gustavo chegou no último que é o total né? Porque se chegasse até no quarto ainda podia... tinha alguma probabilidade dele enxergar alguma coisa... aí foi uma barra!!! (1ª. entrevista).

A constatação da deficiência visual do filho provocou muitos sentimentos de tristeza e principalmente de incertezas com relação ao seu futuro, sua felicidade, como relata a mãe do bebê, chegando inclusive a desestabilizar o relacionamento do casal:

Deus dos céu ((grande exclamação)) ... tudo tava caindo na minha cabeça... parece que nem sei... aí eu ficava pensando né: ... 'ai meu Deus meu filho não vai ser feliz cego'... né... olha que eu penso... né... nisso eu chorava... chorava... (1.ª entrevista).

Caminhos percorridos para o tratamento da deficiência visual do filho

Após a desconfiança e confirmação do problema visual, a família começou a buscar explicações e tratamento em vários lugares. Primeiro consultaram o oftalmologista do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto que afirmou não ter mais possibilidade de uma cirurgia reverter o quadro, pois havia se passado algum tempo já. Sem se conformarem, procuraram um especialista de Sorocaba, que, segundo os pais, explicou melhor a condição da criança, mas não se propôs a operá-lo e encaminhou-os para São Paulo onde o bebê passou por uma cirurgia para tentar uma melhora, embora sem esperança de conseguir o retorno de sua visão.

Papéis desempenhados pelos membros da família

No início da coleta de dados, a mãe do bebê ficava em casa, fazia todo o serviço, embora sua mãe ajudasse bastante. O pai estava separado da mãe e só via o filho nos finais de semana. Nas palavras dela fica claro que se sentia assumindo tudo: *Faço tudo sozinha... cuidado da casa... cuidado dele... tudo sozinha... só de noite... né... que a minha mãe tá em casa, né?... o resto é comigo mesmo.*

Após a morte da avó materna do bebê houve a reconciliação do casal e passou a existir uma divisão das tarefas tanto de cuidado do filho quanto com relação à casa, uma vez que o pai começou a colaborar diretamente:

De manhã então eu fico com ele lavo as ropinhas dele ... o pai também às vezes lava... de sábado... então fica assim... se ele for ajudá-lo... ele lava mais a ropinha/dele... mas geralmente ele faz mamadeira também... ele dá banho...

Também, depois do falecimento da avó materna o casal continuou a contar com a ajuda do avô materno e intensificou-se a dos avós paternos, que passaram a assumir o bebê durante o dia enquanto os pais trabalhavam. A avó diz:

Eu ajudo no que eu posso... depois que a Dil morreu eu procuro fazer de tudo pra ajudar eles porque eles tão com uma vida muito difícil...então eu falo pra trazê-lo aqui quando precisar porque a gente olha ele...

Visão sobre o desenvolvimento da criança e práticas educativas

Ao longo do desenvolvimento do filho, a família foi observando sua evolução, no início, em especial, a avó materna que se preocupava em ensinar habilidades para o neto. Quando questionada a respeito da sua visão sobre o desenvolvimento do Gus ela lança suas dúvidas: *...Eu acho que tá atrasado, não tá?... o que você tá achando? (...)*

A mãe, por sua vez, ao responder às questões, indica que observa o comportamento do filho e identifica as mudanças ocorridas:

Não sei... antigamente quando ele ainda num entendia muito as coisas... geralmente eu conversava cum ele sabe... mas era difícil... hoje é diferente porque hoje eu sei que eu vou falar cum ele ele vai me entender então eu vou lá eu quero o abraço dele. (2.ª entrevista da mãe).

A avó paterna direciona seu relato mais para o lado das impossibilidades de poder estar mais com

a criança e estimular seu desenvolvimento: *Muitas vezes nós mesmos temos falhado na estimulação dele por causa dessa correria né? Isso da nossa parte às vezes eu me sinto falha nisso...culpada...*

As dificuldades enfrentadas na educação do filho

A mãe diz que tem dificuldade em fazer o filho obedecê-la: *É o pai que ele escuta... mais o pai do que eu... eu acho que ele responde diferente mesmo. E justifica dizendo: ah... porque o pai dele sempre falava sério... sempre bateu nele (...).* O pai, por sua vez afirma que o mais difícil na convivência com o filho aparece quando tem que levá-lo a algum lugar que ele não tem o hábito de ir:

Dificuldade... é no momento de dificuldade de sair de repente ter que é quando precisa ir pra casa da minha vó sei lá assim outros lugares que ele num conheça.

Planos para o futuro

Os sentimentos expressos pelo pai e avô paterno, quanto ao que gostariam que acontecesse no futuro com a criança vão em direções diferentes:

O pai diz que: *Ah... a gente tem muita fé em Deus que ele vai enxergar/... né?/... não só para andar/correr/... ()... mas sim para poder/ ter/ sua independência... não só financeira como... independência total da gente... financeira e tudo mais.*

E o avô paterno afirma: *Eu gostaria que ele viesse trabalhar comigo quando ele ficar mais mocinho... pelo menos a gente protege ele porque eu não vou agüentar chamarem ele de ceguinho isso e aquilo...*

DISCUSSÃO

Os dados das entrevistas e do Diário de Campo reforçam os da literatura a respeito da importância da família como o primeiro ambiente de estimulação ao desenvolvimento global da criança. Além disso, verificou-se também que os macro acontecimentos havidos com cada elemento da família trouxeram influência grande, não só aos seus membros adultos, mas que eles atingiram diretamente o

desenvolvimento da criança em questão, como foi a morte da avó materna que modificou toda a dinâmica da família e isto mostra a concordância dos dados deste estudo com os de Kreppner⁵.

A fala dos participantes também reflete os sentimentos de angústia em retornar do hospital para casa sem o filho, que permanecera na incubadora, e posteriormente os sentimentos de tristeza, rompimento e revisão de todas as expectativas e planos para o futuro da criança, tendo os que enfatizam seu receio face à dependência da criança para com eles e de que esta sofra um preconceito social por apresentar uma deficiência visual.

Outro ponto que se precisa enfatizar é com relação ao fato de os pais e demais parentes terem poucas informações a respeito da patologia do bebê e de se sentirem perdidos para tomarem decisões que possam vir a favorecer seu desenvolvimento e o controle de seu quadro clínico; ou seja, cabe aos diferentes profissionais que atuam com questões vinculadas a deficiências buscar subsídios que permitam transmitir melhor aos responsáveis pelo bebê o que facilite sua compreensão, aceitação do quadro, gerando cuidados que venham a promover o aparecimento e evolução das habilidades necessárias à melhora de suas condições¹³. E isto também se aplica à questão do conhecimento dos adultos sobre desenvolvimento de uma criança, que se mostrou bem limitado, não lhes permitindo ter um parâmetro exato da dimensão do atraso do filho.

A pesquisa permite chamar a atenção para o fato de que, para além da análise da deficiência e do que ela pode trazer de dificuldades para a interação, muitos problemas decorrem não diretamente da falta de visão, mas podem advir de características do ambiente em que o bebê vive, da compreensão da deficiência pelos genitores, da rede de apoio com que podem contar, das relações familiares, da própria etiologia da deficiência e experiências primárias da criança, como tempo de hospitalização, presença de outros problemas e até a própria história de interação familiar dos pais. É todo um contexto que direta ou indiretamente se relaciona com a cegueira que vem a interferir no desenvolvimento global da criança.

REFERÊNCIAS

- 1 Bowlby J. Apego: Apego e Perda. São Paulo: Martins Fontes; 1990. v.1.
- 2 Biasoli-Alves, ZMM. Análise da interação mãe-criança um estudo Longitudinal (dos dois aos seis meses) da evolução de seqüências de interação. [tese]. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo; 1974.
- 3 Belsky J. Early human experience: A family perspective. *developmental psychology* 1981; 17: 3-23.
- 4 Bronfenbrenner U. Ecological systems theory. In: Vasta R., editor. *Annals of child development* Greenwich, CT: JAI; 1989. 6: 187-249.
- 5 Kreppner K. The child and the family: interdependence in developmental pathways. *Psicologia, teoria e Pesquisa* 2000; 16(1): 11-22.
- 6 Bronfenbrenner, U. Ecological systems theory. In: Vasta R., editor. *Six Theories of Child Development*, London: Jessica Kingsley; 1992. p. 187-249.
- 7 Hinde RA. *Towards understanding relationships*. London: Academic Press; 1979.
- 8 Bronfenbrenner U, Cecci S. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review*; 1994; 101: 568-86.
- 9 Brasil. Secretaria de Educação Especial. Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial: Área de deficiência visual. Ministério da educação e do desporto. Brasília-DF; 1995. Série diretrizes, 8.
- 10 Biasoli Alves ZMM. A pesquisa psicológica – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: Romanelli G, Biasoli-Alves ZMM., organizadores. *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa* Ribeirão Preto: Legis Summa; 1998. p. 135-57.
- 11 Batista CG, Enumo SRF. Desenvolvimento humano e Impedimentos de Origem orgânica: o caso da deficiência visual. In: Novo HA, Menandro MCS., organizadores. *Olhares Diversos: estudando o desenvolvimento humano*. Espírito Santo: Arte Visual; 2000. p. 157-75.
- 12 Sigolo SRRL, Biasoli-Alves ZMM. Análise de dados de interação mãe-criança – construção de sistemas de categorias. In: Romanelli G, Biasoli-Alves ZMM., organizadores. *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa; 1998. p. 87-118.
- 13 Biasoli-Alves, ZMM. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas sociais diversificadas. In: Althoff CR, Elsen I, Nitschke RG., organizadores. *Pesquisando a família – olhares contemporâneos*. Florianópolis: Papa-Livro; 2004. p. 91-106.